

O USO DO SMARTPHONE E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO

Ana Carolina Kastein Barcellos*

Resumo: O objetivo da pesquisa é apresentar embates e discutir perspectivas sobre a atualidade do conceito de indústria cultural para analisar o uso do smartphone e seus derivados e sua relação com a compreensão leitora e a construção de sentido. A questão que norteia a pesquisa é: Após o término da educação básica e diante do uso constante da linguagem imagética presente nos conteúdos acessados pelos smartphones e seus derivados, é possível o sujeito fazer uma leitura, de forma crítica e dialética de, por exemplo, uma charge? Em que medida, isso poderia ocorrer? A hipótese da pesquisa é que, ao realizar a leitura no aparato, a palavra perde relevância comparada à imagem que é percebida, visualizada, mais do que pensada/entendida e o seu conceito se reduz a uma função icônica. Por isso, o campo semântico se limita a associações automáticas e, dessa forma, operacionalizam-se as leituras. A pesquisa empírica realizada foi desenvolvida com a participação de estudantes com idades entre 17 e 19 anos, ou seja, que já concluíram a educação básica e ingressaram em uma universidade. O instrumento de pesquisa aplicado foi uma questão escrita a partir de uma charge com um assunto vinculado ao dia a dia dos participantes e, uma entrevista previamente formulada.

Palavras –chave: Compreensão Leitora; Indústria Cultural; Tecnologia.

Resumen: El objetivo de la investigación es presentar embates y discutir perspectivas sobre la actualidad del concepto de industria cultural para analizar el uso del smartphone y sus derivados y su relación con la comprensión lectora y la construcción de sentido. La cuestión que orienta la investigación es: Después del término de la educación básica y ante el uso constante del lenguaje imagético presente en los contenidos accedidos por los smartphones y sus derivados, es posible el sujeto hacer una lectura, de forma crítica y dialéctica de, por ejemplo, una *charge*? En qué medida, esto podría ocurrir? La hipótesis de la investigación es que, al realizar la lectura en el aparato, la palabra pierde relevancia comparada a la imagen que es percibida, visualizada, más que pensada / entendida y su concepto se reduce a una función icónica. Por eso, el campo semántico se limita a asociaciones automáticas y, de esa forma, se operan las lecturas. La investigación empírica realizada fue desarrollada con la participación de estudiantes con edades entre 17 y 19 años, o sea, que ya concluyeron la educación básica e ingresaron en una universidad. El instrumento de investigación aplicado fue una cuestión escrita a partir de una *charge* con un asunto vinculado al día a día de los participantes y, una entrevista previamente formulada.

Palabras clave: Comprensión Lectura; Industria Cultural; Tecnología.

Introdução

O objetivo da pesquisa é apresentar embates e discutir perspectivas sobre a

atualidade do conceito de indústria cultural para analisar o uso do smartphone e seus derivados e sua relação com a compreensão leitora e a construção de sentido. De acordo com Türcke (2010), os

* Professora da FHO – UNIARARAS.

smartphones e seus derivados são formas cada vez mais modernas de enunciação imagética e podem ser descritos como uma espécie de 'ópio' que desvia a consciência dos homens da realidade empírica, merecendo, portanto, reflexão sobre seu uso. Para o autor, a força imagética dessa alta tecnologia faz com que o homem se torne refém do estado em que se encontra – entorpecido paralisado, e grande parte da sociedade atual, cada vez mais, dependente dos recursos tecnológicos digitais.

É fácil entender o porquê do sucesso desse objeto que passou a ser “o sonho de consumo” de muitos: a versatilidade das cores, tamanhos, formas, a capacidade de realizar diversas tarefas ao mesmo tempo, sua rápida incorporação à rotina das pessoas. E ações como verificar e enviar e-mails, mensagens instantâneas, fotos, dentre outros recursos, já fazem parte do dia a dia das pessoas, modificando seus hábitos e as relações sociais. De acordo com pesquisa realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (2015), o telefone móvel é o segundo aparelho mais presente nos lares brasileiros (perde apenas para a televisão); está em 92% deles.

No que se refere ao tempo gasto, diariamente, com o telefone móvel

(smartphone), foi realizada uma pesquisa GlobalWebIndex (2015) – empresa que realiza estudos detalhados sobre o consumidor digital e estilos de vida digitais no mundo – constatando-se que o tempo gasto pelos brasileiros conectados à internet via telefonia móvel (smartphones ou outros) triplicou de 2012 a 2015, ficando atrás apenas dos tailandeses e dos sauditas. Os brasileiros, segundo os dados coletados ficam conectados diariamente, cerca de 3 horas e 40 minutos, utilizando o smartphone, e 73% dos usuários declararam acessar as redes sociais nesse tempo.

Do relatório de 2016, de Notícias Digitais do Instituto Reuters², consta que foram entrevistados mais de 50 mil consumidores de notícias em 26 países. Segundo esse relatório, 28% dos jovens, entre 18 e 24 anos, têm as mídias sociais como principal fonte de notícias, mais do que a TV, que, pela primeira vez, ficou com

² “Maior pesquisa internacional comparativa do mundo em relação a hábitos de consumo de notícias, o Digital News Report 2016, do Instituto Reuters, disponibilizado em 14/06, acompanhou as tendências das mídias em 26 países observando como a comunidade internacional de jornalismo se posiciona em direção a um futuro cada vez mais digital e multiplataforma”.

24%. Metade dos entrevistados disse utilizar o Facebook como fonte de notícias.

Em consonância com esse relatório, a Fundação Mozilla (organização sem fins lucrativos, composta, principalmente, por desenvolvedores do aplicativo e especialistas na área) afirmou que metade dos brasileiros declarou que o Facebook é a internet (o Brasil é o terceiro em número de usuários da plataforma) em seu estudo intitulado *Internet Health* (2016). O relatório sobre esse estudo destacou a questão da monopolização da comunicação. Os smartphones são oferecidos por apenas duas empresas – Google (Android) e Apple (IOS). Elas dominam o mercado controlando todos os aplicativos desses aparelhos, o que é, sem dúvida, muito preocupante quando se tem como objetivo uma internet segura, aberta e acessível.

Nesse contexto, a questão que norteia a pesquisa é: Após o término da educação básica e diante do uso constante da linguagem imagética presente nos conteúdos acessados pelos smartphones e seus derivados, é possível o sujeito fazer uma leitura, de forma crítica e dialética de, por exemplo, uma charge? Em que medida, isso poderia ocorrer?

Türcke (2010, 2016) afirma que essa máquina audiovisual – espécie de ópio – também vicia. Os usuários passam a depender da tela que os expõe a bilhões de choques imagéticos. Ela irradia sobre o usuário (TÜRCKE, 2016, p.33) um ‘auto lá’, ‘olha pra cá’ e, então, lhe administra nova injeção de adrenalina e o mantém conectado.

A escolha do gênero textual charge ocorreu porque a leitura de uma charge envolve a interpretação da linguagem verbal e não verbal tão presente nos conteúdos veiculados nos aparelhos eletrônicos usados pelos participantes da pesquisa. Além disso, é esperado que o aluno egresso do Ensino Médio tenha a competência leitora preconizada em documentos como os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) e outros documentos legais que ressaltam a importância do trabalho com diversos gêneros na educação básica, sugerindo conteúdos e práticas para o desenvolvimento da competência leitora.

As charges, frequentemente, estão presentes nos livros didáticos, nos exames vestibulares, no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), em concursos etc. Elas são, muitas vezes, elaboradas por cartunistas

que, com inteligência, captam situações do dia a dia e as apresentam de forma crítica e com certa dose de ironia. Normalmente, estão presentes em jornais e revistas, e pelo fato de os assuntos por elas abordados se referirem a um momento específico, caracterizam-se, também, pela temporalidade.

Ressalte-se que, para analisar uma charge, é fundamental ter presentes elementos como: capacidade para perceber a presença de um processo intertextual, capacidade para realizar inferências e capacidade para construir analogias, dentre outros. A produção de sentido permeia diferentes pontos de vista, como, por exemplo, o do sujeito, como, também, o conteúdo do discurso e se relaciona com a língua e sua exteriorização (relação com outros textos, condições de produção). A concepção de língua adotada na análise das respostas é a da que possibilita a interação entre os sujeitos segundo Koch (2009). Entende-se que é a partir da interação textos-sujeitos que o sentido do texto se constrói.

A pesquisa empírica realizada foi desenvolvida com a participação de estudantes com idades entre 17 e 19 anos, ou seja, que já concluíram a educação

básica e ingressaram em uma universidade. Os participantes, no momento da pesquisa, estavam no primeiro ano da graduação de três diferentes cursos de bacharelado. O instrumento de pesquisa aplicado foi uma questão escrita a partir da charge com o assunto vinculado ao dia a dia dos participantes e uma entrevista previamente formulada. Toda a pesquisa foi aplicada no espaço acadêmico.

Desenvolvimento

Para iniciar a discussão, buscaram-se, nos autores da Teoria Crítica da Sociedade e outros que com eles dialogam, elementos para embasar os dados coletados, bem como, em artigos recentes sobre o uso dos recursos tecnológicos, dentre outros.

É no final dos anos 90, com a chegada do computador pessoal, que o processo de digitalização ganha uma dimensão maior. A humanidade passa, cada vez mais, a armazenar toda a informação tornada possível durante a idade analógica, nascendo a chamada "era digital. Assim, a "Digitalização aparece primeiramente nos processos técnicos para somente depois aparecer na esfera teórica", não sendo, de forma alguma, "um simples

método de transmissão”. (BOCK, 2014, p.274)

E segundo BOCK (2014, p.267), o termo apresenta “um conceito que usa técnicas de regulação e transformação da informação, baseando-se no código digital” bem como, “finge ser livre de ideologia e procura acentuar seu caráter de ferramenta aberta de transmissão de textos, de imagens, de músicas ou mesmo de objetos tridimensionais, com a ajuda do código digital”. A digitalização é “um radical programa de racionalização técnica e social” (pp.281-282), estando portanto, longe de ser apenas um processo de codificação.

A plasticidade da reprodução diante do ‘avanço’ da digitalização é preocupante. Benjamin (1994), já na década de 30, escreve que “fazer as coisas se aproximarem de nós, ou antes das massas, é uma tendência tão apaixonada do homem contemporâneo quanto a superação do caráter único das coisas, em cada situação através da reprodução” (p. 101). Neste caso, o autor se refere, dentre outros, à perda da aura das obras. No contexto da digitalização, a pesquisa se refere, mais especificamente, à perda do referente do

signo e da construção de sentido nessa condição.

Costa (2015), em seu artigo *Indústria cultural e digitalização da informação: mudanças de plataformas de racionalidade técnica*, afirma que

A complexidade da internet e dos suportes digitais nesse processo de separação entre signo e referente, possibilidade de esvaziando da linguagem, fracionamento de conteúdos e do comprometimento da sensibilidade em meio tantas informações deslocadas entre causalidade, fluxo narrativo e desdobramento histórico, decorre também da seguinte condição: trata-se de um suporte tecnológico que incorpora e modifica todos os outros tradicionais como televisão, rádio, jornal, revista ou cinema e se encontra visceralmente articulado com setores da produção industrial e da cultura administrada, além de seu vínculo sistêmico com o comércio, serviços e ações estratégicas de setores militares e políticos. (COSTA, 2015, p.161)

Esses suportes e suas plataformas, portanto, estão atrelados à sociedade administrada, à produção cultural a serviço do capitalismo, ‘fingindo ser livre de ideologia’. As relações entre cultura, subjetividade e fetichismo são observadas a partir da racionalidade técnica, presente nas plataformas midiáticas. É essa

“racionalidade técnica incorporada nas plataformas midiáticas atua na perda da noção do tempo e da história” (COSTA, 2015, p.162).

Pode-se dizer que alguns aspectos que o autor aponta como comprometidos, devido ao uso das tecnologias de informação, são: memória dispersiva diante da avalanche de informação; incapacidade para narrar já que há um espaço mínimo para escrever com caracteres contatos, além do predomínio do uso da imagem ou ícones representando sensações/ estados de espírito em imagens – sínteses que contribuem para a perda, dentre outras, da sensibilidade. Além disso, de acordo com Türcke (2016, p. 33), “o choque da imagem se tornou o foco de um regime global de atenção, que insensibiliza a atenção humana por meio de um sobrecarga ininterrupta.” Há indiferença não só em relação ao conteúdo veiculado diante a superexposição como, também, da atenção diante do bombardeio ao qual as pessoas se submetem.

A virtualização do real e as rupturas de temporalidade/espacialidade, através de formas de comunicação assíncronas e obtidas com maior grau de resolução de imagem/som e capacidade de compartilhamento online, armazenagem/compactação de dados e agilidade com os novos

sistemas operacionais, dentre outros fatores, fazem com que o mundo digital tenha encantamentos pela excitação perceptiva ocasionada pela hibridização de estruturas e linguagens que deslocam o sujeito de seu lugar e gera projeções e desejos que podem ser economicamente administrados pela indústria cultural. (COSTA, 2015, p. 159).

Observa-se que o processo de mercantilização da cultura, atrelado à da reprodução da imagem em larga escala, acentua a ação da indústria cultural na construção de identidades. Essa ação inclui a tentativa de suprimir a diferença entre o particular e o universal, e são comuns ações como, por exemplo, nas redes sociais, em que os sujeitos expõem sua privacidade em vitrines sendo eles mesmos a mercadoria exposta ao reproduzir as técnicas do marketing para vender sua própria imagem que se mescla com notícias filtradas pela plataforma.

Essas ações afastam as pessoas delas mesmas, de suas subjetividades tanto para processar as informações obtidas, como para gerar informações sobre si mesmas ou sobre o contexto em que vivem, já que, no mundo digital, como visto, são aspectos, dentre outros, em que os signos se separam de seus referentes, e o deslocamento afeta a construção de sentidos.

Além disso, Costa (2015) aponta que, ao migrar para a internet e a digitalização dos conteúdos, as formas de produção são alteradas, bem como o acesso aos conteúdos da indústria cultural e “Essa dimensão estruturante, alia condições de produção e interferências no campo da linguagem” (p.163), principalmente, pela fragmentação e separação entre o momento de concepção, distribuição, adequação/transposição para as plataformas digitais. Os jornais impressos da década de 90 apresentavam uma distribuição e quantidade de imagens muito diferentes das que existem nos dias de hoje, em que a diagramação está voltada para o emprego excessivo de imagens e pouca quantidade de caracteres etc. E as alterações não param de ocorrer, independentemente, do suporte em que é veiculada a informação.

O termo indústria cultural, cunhado por Adorno e Horkheimer, em 1947, “precede o termo digitalização dos conteúdos que circulam nos suportes compactados, transportáveis e que permitem fluxos e mediações em rede” (COSTA, pp.156.-157). Contudo, observa-se a atualidade do conceito que contribui, e muito, para se compreenderem as estruturas de comunicação digitalizadas que entrelaçam suportes e linguagens,

principalmente, imagéticas que seguem a lógica da produção industrial e o seu controle impostos pela sociedade administrada.

Criou-se uma cultura digital – aldeia global conectada – diante da fragmentação dos conteúdos que se organizam como mercadorias simbólicas, sustentando a Semiformação, principalmente, a partir da compulsão à repetição. O uso das ferramentas digitais em nada contribui para que se tenha determinada autonomia, muito pelo contrário, a repetição e o excesso de exposição, na busca pelo entretenimento, reforçam o esvaziamento do eu e do particular, dando lugar à produção padronizada e sua ideologia.

A veiculação ideológica está nas formas e não apenas nos conteúdos, como, por exemplo, quando é possível apresentar uma imagem-síntese de uma informação quase sempre estereotipada, generalizada e desprovida de intenção de provocar de forma crítica, no leitor, uma experiência, principalmente, naqueles que só acessam as informações em sua *timeline*.

Octavio Paz apud Vargas Llosa (2013) já afirmava (bem como outros estudiosos antes dele) que a civilização do espetáculo é cruel, que “Os espectadores

não têm memória; por isso também não têm remorsos nem verdadeira consciência. Vivem presos à novidade, não importa qual, contanto que seja nova.” (p.45). Citando um exemplo no jornalismo: a forma insólita escandalosa e espetacular de apresentar o seu conteúdo. Essa posição está de acordo com o que se espera e se pretende manter em uma sociedade em que tudo se transforma em diversão e entretenimento. Tem-se a impressão de que o objetivo é que toda informação obtida se dissolva. Um instante é uma bolha de sabão brilhando no ar que, no instante seguinte, desaparece sem deixar rastros em uma cultura em que a categoria progresso é sinônimo de desenvolvimento de aparelhos tecnológicos como por exemplo, os smartphones.

Esses recursos tecnológicos, diante dessas ações, afastam os sujeitos da realidade, mas esse distanciamento não se compara àquele distanciamento proposto por Benjamin, com base na reflexão imanente sobre suas próprias experiências. É, assim, um distanciamento perigoso que contribui, cada vez mais, para a alienação, conformismo e passividade. As pessoas compram um livro, assistem a um jornal, passeiam na linha do tempo de redes sociais, assistem a um filme para se entreter

e não para fazer algum esforço intelectual; querem se divertir, esquecer coisas sérias, inquietudes, tristezas, angústias; querem notícias efêmeras entre *memes* e *selfies*.

Diante do exposto, a hipótese da pesquisa é que, ao realizar a leitura no aparato, a palavra perde relevância comparada à imagem que é percebida, visualizada, mais do que pensada/entendida e o seu conceito se reduz a uma função icônica. Por isso, o campo semântico se limita a associações automáticas e, dessa forma, operacionalizam-se as leituras.

No total, foram 206 participantes da pesquisa. A questão aplicada pedia a leitura e interpretação de uma charge, e a resposta deveria ser dissertativa e individual.

Os dados coletados tiveram como objetivo contribuir para a discussão/reflexão teórica apresentada e sua análise, por ela embasada. Entende-se que toda generalização impede que as partes se mostrem. Por esse, motivo a amostra considerou todas as respostas apresentadas e sem pretensão de esgotarem as possibilidades de análise.

Antes de aplicar a atividade proposta, foi realizada uma entrevista com os participantes. A entrevista envolveu três

questões previamente formuladas. 1. Você tem um smartphone ou similar? 2. Quanto tempo você o usa diariamente? 3. Você tem um plano/pacote de dados (plano pago a alguma operadora para ter acesso à internet)?

Todos os alunos que participaram da pesquisa têm um smartphone. 91% dos participantes disseram usar o smartphone praticamente durante todo o dia, de alguma forma: para ver hora, checar mensagens, redes sociais, dentre outros usos, inclusive, no horário de aula, costumam dar uma 'espiadinha' nele. Apenas 9% disseram que guardam o smartphone durante as aulas e/ou não o usam por alguns momentos durante o dia.

95% disseram que possuem um plano de dados mensal (pré ou pós pago) para ter acesso à internet, mas que esse plano não 'dura' muito; normalmente, ele acaba antes do fim do mês. Por esse motivo, eles também acessam em casa ou nos lugares em que frequentam 'a internet sem fio', oferecida pelos estabelecimentos, instituições etc. Apenas 5% disseram não ter plano de dados de nenhuma operadora, acessando a internet apenas nos lugares em que há acesso à rede sem fio.

No que se refere à charge escolhida: havia a imagem de um banco 'prolongado', 'longo' com uma pessoa sentada em cada ponta do banco, enfatizando, dessa forma, a distância entre as duas pessoas. A pessoa que está na ponta, ao fundo da imagem, é apresentada 'pequena' para dar a impressão de distância. Pode-se supor que ela usa um celular e há um balão, de fala próximo à sua cabeça, onde está escrito: "Distância?".

Observa-se, nesse caso, uma ironia sutil com relação à palavra distância no contexto do uso das ferramentas digitais visivelmente presentes no desenho do banco e na colocação das duas pessoas, uma em cada ponta. Se por um lado, "essa cena" sugere o afastamento entre as pessoas, mesmo que próximas, compartilhando o mesmo banco, mas que não conversam entre si, por outro lado, sugere aproximação entre pessoas ao 'encurtar distâncias físicas', uma vez que permite a comunicação entre pessoas de lugares distantes, que pode ser inferida pela imagem do celular na mão de uma delas.

A pergunta a ser respondida após a leitura e análise da charge foi: Considerando o papel das tecnologias na atualidade e seu uso no dia a dia, a charge

faz sentido? Ela é coerente? Justifique sua resposta. Esperava-se que o participante demonstrasse entender o impacto das tecnologias de comunicação e de informação na sua vida pessoal, social sendo capaz de relacionar esses conhecimentos com a linguagem presente nesse gênero textual misto, de forma crítica. Para analisar as respostas, consideraram-se as respostas encontradas:

1. Sim, e justificou de forma clara e objetiva;
2. Sim, mas a justificativa não fez sentido;
3. Não, e não justificou;
4. Não respondeu à questão.

Resultados e considerações

Com base no que foi apresentado na discussão teórica, foram levantados vários aspectos que dizem respeito à análise dos dados coletados, como: a materialidade da linguagem correlacionada à sua exterioridade, a hipertrofia da imagem na atualidade, a separação do signo do referente, o constante uso dos recursos tecnológicos digitais tendo como suporte o smartphone, a centralização dos aplicativos oferecidos, a relação desse conteúdo

veiculado com a indústria cultural dentre outros aspectos .

De acordo com os dados coletados, apenas 5% dos participantes não responderam a questão deixando-a em branco (4); 13% disseram que a charge ‘não’ fazia sentido e não justificaram (3). 70% das respostas afirmaram que sim, ela é coerente (1 e 2). Contudo, desse número, 50% dos participantes responderam de forma objetiva e clara ao justificar (1) e 20% dos participantes que responderam sim, não responderam de forma clara e objetiva (2).

No que se refere à justificativa das respostas dos 50% (1), os argumentos empregados para justificar se dividiram em três tipos de respostas: 19% argumentaram que o uso dos recursos do smartphone, para fins de comunicação, aproxima pessoas, encurtando distâncias. A análise, portanto, foi afirmativa, positiva; 31%, disseram que a tecnologia não é usada adequadamente como visto na imagem, ou seja, ela é negativa, pois afasta as pessoas. Eles justificaram dizendo que ela não permite o contato físico, pessoal, ‘face a face’ e isso seria muito negativo. Muitos usaram o argumento de que, embora sentadas no mesmo banco, estavam distantes, uma da outra.

Apenas 8% das respostas apontaram que sim, a charge é coerente e que a tecnologia não é nem positiva nem negativa, depende do uso que se faz dela. Para esse grupo, ela poderia significar aproximação entre pessoas que, fisicamente, estariam distantes, o que seria muito positivo; e que também poderia representar que a tecnologia afasta as pessoas porque elas ficam conectadas o tempo todo, falando com quem está distante e não tendo contato com as pessoas próximas, despertando sentimentos negativos como solidão, rejeição entre outros.

Observa-se que apenas 8% fizeram uma análise mais crítica da imagem, já que ela pode permitir as duas interpretações. Percebe-se a dificuldade para analisar criticamente como pode ser visto nos resultados das avaliações externas que são aplicadas durante toda a educação básica, como SARESP, PISA entre outros e, inclusive, no ENEM que têm mostrado os baixos resultados obtidos no que se refere à competência leitora nos últimos anos. Essa dificuldade não pode ser justificada pela falta de prática no que diz respeito à leitura, já que os participantes da pesquisa fazem, diariamente, a leitura de imagens na linha

do Facebook, na leitura e produção de memes entre outros.

A forma de interação que é realizada entre sujeito e texto, ao acessar o conteúdo digital com a supervalorização da imagem, altera a percepção e a capacidade de atenção e concentração. Ocorre a incorporação da racionalidade técnica de uma possível interpretação materialista da cultura digital à medida que os sujeitos expõem as mercadorias simbólicas em suportes midiáticos multissensoriais, com ênfase na hipertrofia da imagem, o que interfere na forma como o sujeito apreende e responde à realidade imediata, evidenciando-se um atrofiamento da capacidade reflexiva. “O sujeito liquifica-se e evapora-se na torrente de estímulos” (TURCKE, 2010, p.66.)

A categoria de progresso com base na utopia técnica, criada, culturalmente, a partir do modelo digital do mundo, faz com que a vida empírica só faça sentido com o uso de aparelhos televisivos, smartphones e variações diversas de microcomputadores com acesso à internet. Usar esses aparelhos torna os indivíduos com uma perspectiva de vida melhor, com mais qualidade e possível autonomia, inclusive pelo fato de eles poderem realizar várias tarefas ao tempo. O

sujeito se ‘afoga na torrente de estímulos’ e sua atenção se perde. Além disso, o uso desses aparelhos permite que eles se sintam ‘atualizados’, adequadamente preparados, caso contrário, serão excluídos dos mercados de trabalho, dos círculos sociais etc. O que se vê é uma constante repetição do mesmo argumento/ideias com outra roupagem. Os filtros empregados nos aplicativos são a garantia de que não há risco de se tomar qualquer tipo de susto e de aflorar qualquer tipo de inquietação.

Os meios utilizados não são meros veículos de conteúdo, como afirmava Marshall MacLuan. A ferramenta, para algumas pessoas, está a serviço de quem usa, mas ela também sensualiza e seduz pouco a pouco cativando, cada vez mais, e nunca é desprovida de ideologia, como visto. E “o choque da imagem exerce um poder fisiológico; o olho é magneticamente atraído pela alteração luminosa e dela só consegue se afastar através de um grande esforço da vontade.” (TÜRCKE, 2016, p.33) E essa vontade, como visto, já está controlada, direcionada, domesticada pela ação da indústria cultural. A insensibilização da atenção interfere na percepção, na inteligibilidade ao se receber e produzir informações.

Esse fetiche por mercadorias e a passividade diante da utopia técnica impedem que os momentos de racionalização e resistência ocorram e, cada vez mais, a realidade é vista formatada, com a ajuda da incansável publicidade e constante lançamento de mercadorias carregadas de novas promessas. O desenvolvimento científico não é sinônimo de uma sociedade mais justa; ele não conduz à emancipação. A Segunda Guerra Mundial é um exemplo de uma época em que os avanços científicos estavam a todo vapor.

De acordo com Costa (2004),

A educação para uma leitura suspeita sobre a relação automática entre difusão do conhecimento e ação mediadora das tecnologias de comunicação passa pelo reconhecimento de que as formas de mistificação se acentuam com a hibridização dos suportes técnicos e suas linguagens, em meio às possibilidades mais sutis de simulações da realidade, do frenesi da velocidade informativa e do culto ao descartável. Educação para o esclarecimento, em boa medida, quer dizer tornar conscientes os mecanismos que atrofiam não só a imaginação, mas, também, a percepção, ainda mais quando tecnologia representa ilusoriamente a extensão da felicidade humana. (COSTA, 2004, p.188).

Pode-se dizer que, diante das dificuldades e obstáculos encontrados, resistir às garras

sedutoras da indústria do entretenimento é fundamental. Para tanto, é preciso saber lidar com as tensões da vida e seu entorno, com capacidade para questionar, refletir e, possivelmente, transformar-se. Formar para autonomia é tornar o sujeito capaz de analisar as imagens produzidas pela comunicação mercadológica e seus 'engenheiros do entretenimento' e refletir sobre como, com que finalidade e para quê foram produzidas, independentemente de se tratar de uma propaganda, de um programa de entretenimento ou, ainda mesmo, de um programa que pretende ser educativo; é refletir sobre o quanto a liquidez e a fruição na vida moderna podem deixar não apenas a memória e a capacidade de armazenamento suspensas em nuvens, mas, também, a capacidade de concentração e reflexão.

Referências

- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER. M. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ADORNO. *Educação e emancipação*. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- BENJAMIN, W. *Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Editora Brasiliense 1994.
- BOCK, F.W. *Novas mídias e ideologia: sobre a crítica do esclarecimento digitalizado*. In: Teoria crítica na era digital. Desafios. PUCI, B.; FRANCO R.; GOMES, L.R.(Org.).1. Coleção Teoria Crítica. São Paulo: Nankin, 2014 (pp.265-289).
- COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. (2015). Disponível em <http://agenciabrasil.ebc.com.br/pesquisa-e-inovacao/noticia/2015-09/815-milhoes-de-brasileiros-acessam-internet-pelo-celular-aponta> Acesso em 15 de jun 2016.
- COSTA, B.C.G. *Indústria cultural e digitalização da informação: mudanças de plataformas de racionalidade técnica*. In: Teoria crítica na era digital. Desafios. MAIA, F.A.; ZUIN, A.A.S.; LASTÓRIA, L.A.C.N. (Org.) 2. Coleção Teoria Crítica. São Paulo: Nankin, 2015. (pp.155-166)
- COSTA, B. C. G. da. *Dialética do esclarecimento: a sociedade da sensação e da (des) informação*. In: RAMOS-DE-OLIVEIRA, N; PUCCI, B; ZUIN, A. A. S. (Orgs.) *Ensaio frankfurtiano*. São Paulo: CORTEZ, 2004, pp.175-188.
- GLOBALWEBINDEX. (2015) Disponível em <http://www.globalwebindex.net/blog/fast-growth-nations-clock-up-the-most-hours-for-mobile-web-usage> Acesso em 17 de jun 2016.
- KASSAB,A. Sob a mira da metralhadora audiovisual. In: *Jornal da UNICAMP*, Campinas, 2010, out XXIV n. 477. Disponível em http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/outubro2010/ju477_pag0607.php Acesso em 30 marc 2016.
- KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- MOZZILA.ORG. (2016). Disponível em <https://www.mozilla.org/pt-BR/internet-health/> Acesso em set 2016.
- PAZ, O. *Chiapas: hechos, dichos y gestos. Obra completa*. Barcelona, Galaxia Gutenberg/ Circulo de leitores: 2002, p. 546. IN: VARGAS LOSA, M. *A civilização do espetáculo*. Uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura. Trad. Ivone Benedetti. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

PUCCI, B.; FRANCO R.; GOMES, L.R.(Org.) **Teoria crítica na era digital. Desafios.1.** Coleção Teoria Crítica. São Paulo: Nankin, 2014.

PUCCI, B. (org.) **Teoria crítica e educação. A questão da formação cultural na Escola de Frankfurt.** Petrópolis: Ed Vozes / São Carlos: Ufscar, 2007.

PUCCI, B. A Dialética negativa enquanto metodologia de pesquisa em educação atualidades **Revista Científica e-curriculum** v. 8, n.1 (2012). Disponível em <http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/9030/6630>

RELATÓRIO DE SAÚDE NA INTERNET. (2016). Disponível em <https://internethealthreport.org/v01/decentralization/>. Acesso em dez 2016.

TÜRCKE. C. **Sociedade Excitada: filosofia da sensação.** Editora Unicamp: Campinas, 2010.

TÜRCKE, C. **Hiperativos! Abaixo a cultura do déficit de atenção.** São Paulo: Paz e Terra, 2016.

Recebido em: 09/03/2018

Aprovado em: 10/04/2018